

A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DO TEXTO “A IDEOLOGIA ALEMÃ”, DE KARL MARX E FRIEDRICH ENGELS¹

Fernando Pereira Cândido EEEAS - GEIEFE - PET/DEF/UEM²

Dr.ª Maria Rosemary Coimbra Campos Sheen DFE/UEM³

Ms.ª Rosângela Aparecida Mello DEF/UEM³

Resumo: Ao fim do século XX vimos sociedades socialistas, que não materializaram a teoria marxiana sobre este tipo de sociedade, serem superadas, levando, juntamente a necessidade de resposta às crises econômicas periódicas do capital, ao desenvolvimento das novas formas burguesas de explicar, justificar e organizar a sociedade. Os intelectuais burgueses começaram a ver mudanças estruturais onde há somente arranjos paliativos, explicando estas supostas mudanças com argumentos que surgem e findam nas suas cabeças, tal como os filósofos idealistas no século XIX. Assim surge o problema: Como se forma a consciência na sociedade burguesa? Partimos da discussão travada no século XIX entre os filósofos idealistas e os fundadores do materialismo histórico, que aponta a formação da consciência a partir do Espírito Absoluto ou a partir das condições materiais de produção da vida, respectivamente. Discutimos a questão explorando as proposições do texto de Marx e Engels intitulado “Feuerbach”, tentando captar e explicitar os pontos principais deste escrito que direcionam ao esclarecimento da nossa dúvida. Também buscamos o entendimento do contexto histórico, seus determinantes materiais e as relações sociais que condicionaram a consciência dos próprios autores da obra discutida. O texto estruturou-se em: 1. Introdução – entendendo o texto, apontamentos iniciais, situando os autores e seu tempo histórico e, o contexto europeu do século XIX; 2. O idealismo contraposto ao materialismo histórico dialético; 3. Sobre a produção da consciência: as bases materiais da revolução real; Considerações finais. As idéias centrais captadas no texto “Feuerbach” foram: 1ª- A base da concepção materialista e dialética da história é o homem no seu processo efetivo de vida; 2ª-As condições efetivas para produzir a vida materialmente é que determinam a consciência dos homens; 3ª-A consciência se resolve modificando-se a base material de reprodução da vida; 4ª-O proletariado só pode ser livre para humanizar-se totalmente, no coletivo, através da destruição e superação das relações de produção estabelecidas no capitalismo. Por fim, afirmamos que a importância de entendermos como se forma a consciência, diz respeito ao fato de sabermos que ela é um elemento humano, historicamente construído e modificado, a partir das bases materiais de produção da vida e das ações humanas nessa produção. Esse conhecimento retomado na contemporaneidade nos dá elementos para fazermos a leitura crítica das evoluções históricas, anunciadas pelos “pós-modernos”. Para entendermos que a dita sociedade pós-capitalista é, mais um exercício ideológico de revolução do mundo a partir do espírito humano.

Palavras-chave: formação da consciência, idealismo, materialismo histórico dialético.

1. INTRODUÇÃO

1.1 ENTENDENDO O TEXTO

Participamos de um projeto de ensino que buscava subsidiar os participantes em relação às bases teóricas e metodológicas da pesquisa científica. Em outras palavras, buscava permitir-nos entender que tipo de pesquisa iria fazer e como iríamos fazê-la, logo o porquê de diferentes tipos de pesquisa. Durante os estudos de um dos pensamentos que vieram a influenciar a produção científica após seu aparecimento, nos deparamos com o texto de Marx e Engels intitulado “Feuerbach”, que é o primeiro capítulo do livro “A Ideologia Alemã”.

Assim, surgiu esta breve reflexão, na busca de entender como se dá a formação da consciência. O título desse artigo foi sugerido pela orientadora do projeto, professora Maria Rosemary C. C. Sheen, como forma de exercício das discussões realizadas, além de ser documento constante da avaliação final deste projeto.

1.2 APONTAMENTOS INICIAIS

Na sociedade hodierna muito se tem falado em inclusão social, solidariedade, voluntariado, flexibilidade, cidadania, ética e outros termos, que se dirigem aos setores excluídos e marginalizados da sociedade. São termos que elucidam um determinado pensamento, que direciona as ações da coletividade internacional, visando atender as necessidades que a humanidade apresenta neste momento. Estas ações declamam um discurso fraterno, que nos remete aos velhos ideais de “igualdade, liberdade e fraternidade”, já prometidos pela burguesia em 1789, durante a Revolução Francesa, mas que, três séculos depois, os trabalhadores do mundo inteiro não alcançaram, muito pelo contrário, vêm-se cada vez mais longe desse sonho.

Surgiram situações históricas em que se conseguiu instalar sociedades socialistas, que, todavia, não materializaram a teoria marxiana sobre este tipo de sociedade, e que superadas, levaram, juntamente a necessidade de resposta às crises econômicas periódicas do capital, ao desenvolvimento das novas formas burguesas de explicar, justificar e organizar a sociedade. Após o pensamento econômico liberal, onde ainda existia um estado de coisas que garantia certas condições humanas de vida aos trabalhadores (Welfare State), irrompe o chamado neoliberalismo econômico, que começa a reestruturar o capitalismo de forma arbitrária àquelas condições mínimas de vida que os trabalhadores haviam conquistado. Retira-se das áreas sociais recursos

para manter vivo um sistema que não é auto sustentável, causando maior depauperação dos trabalhadores.

Frente a estas mudanças, setores da intelectualidade hodierna começam a ver mudanças estruturais onde há somente arranjos paliativos. Conclamam o fim do período histórico marcado pela superação do Feudalismo e implementação do Capitalismo; o fim da sociedade de classes, dos interesses de classes e até mesmo das classes sociais. Chegam, no auge desse absurdo, a proclamar “O Fim da História”⁴, afirmando que o capitalismo é a forma mais avançada possível de sociedade, que já se encontra atualmente no seu estágio último de desenvolvimento. Podemos retomar um trecho do início de “A Ideologia Alemã” para sintetizar nossa crítica a estas posturas, que assim como no tempo em que foi escrito o texto aqui discutido, partem da mente de quem as defende:

Os princípios se suplantavam uns aos outros e os heróis do pensamento investiam uns contra os outros com uma precipitação inaudita, e nesses três anos de 1842 – [18]45 se puseram mais coisas em ordem na Alemanha do que em três séculos.

E tudo teria se passado no pensamento puro (MARX, K; ENGELS, F, 1984, p. 183).

Esse recrudescimento da filosofia ideológica que discuti e explica o mundo e a sociedade, demonstra o pensamento atual que legitima a forma como se estrutura e se reproduz esse estágio social em que nos encontramos. Expõe “os delírios da razão” (emprestando a expressão de FRIGOTTO, 1998) e a esquizofrenia do discurso capitalista frente às contradições agravadas e que emanam das relações sociais efetivas, surgindo à questão motivadora desse escrito: Como é formada a consciência dos seres humanos na sociedade capitalista?

Colocado o problema da nossa reflexão, expomos os pontos principais captados por nós – que dizem interesse ao objeto específico de nossa discussão - no texto que Marx e Engels desenvolveram, evidenciando que existem duas formas contrárias de perceber e explicar os homens e as suas consciências:

1º - A base da concepção idealista da história é a especulação, o que se imagina sobre os fatos, ao tempo que a base da concepção materialista e dialética da história é o homem no seu processo efetivo de vida;

2º- Não a consciência que determina as condições de vida dos homens, mas as condições efetivas para produzir a vida materialmente é que determinam a consciência dos homens;

3º - Não se consegue a emancipação da consciência através da crítica ao que pensam os homens. A consciência se resolve modificando-se a base material de reprodução da vida;

4º - Defendo o seu interesse individual, o trabalhador poderá alcançar no máximo a ilusão da liberdade. O proletariado só pode ser livre para humanizar-se totalmente no coletivo, através da destruição e superação das relações de produção estabelecidas no capitalismo.

“A Ideologia Alemã”, como observa Fernandes (1984), sistematiza a história como ciência, traz o esboço de uma teoria geral da sociedade, o núcleo de uma teoria das classes sociais e da ideologia, a partir da revolução burguesa em processo e da inclusão clara do comunismo no ponto de vista científico e, a passagem da filosofia especulativa para a ciência da história.

1.3 SITUANDO OS AUTORES E SEU TEMPO HISTÓRICO

Visando entender o objeto de nossa reflexão, tentaremos, dentro de nossas limitações, situar os autores e seu tempo histórico.

Karl Marx é inegavelmente um dos principais pensadores do século XIX. Herdeiro da tradição teórica iluminista incorporou esta corrente de pensamento, superando-a em seguida. Aliás, espantosa foi a velocidade com que ele incorporou e superou os pensadores que o precederam e aqueles do seu tempo.

Karl Marx nasceu em 1818, em Tréves (Trier), na Renania, pertencente à Prússia⁵. Sua família era de origem judaica, contrariamente a situação prussiana de protestantismo. Dos 17 aos 18 anos (1835 a 1836)⁶, estudou direito na Universidade de Bonn (Alemanha). Dos 18 aos 23 anos (1835 a 1841), estudou direito, filosofia e história em Berlin (Alemanha), doutorando-se em Filosofia já aos 23 anos (1841), na Universidade de Iena (Alemanha). Pretendia seguir carreira acadêmica, mas acabou tendo fechados seus caminhos de acesso à universidade por motivos políticos – censura aos posicionamentos progressistas e aos professores de origem judaica, nas cátedras, pelo Rei.

A partir dos 24 anos (1842), escreve artigos para jornais como a Gazeta Renana (Rheinische Zeitung) – jornal liberal. Após enfrentar e driblar as censuras a que era submetido, este jornal, do qual Marx tornara-se redator chefe, foi fechado por intervenção do governo da

Prússia. Neste trabalho, pesquisando para escrever suas matérias, Marx defrontou-se com a dura situação vivida pelo trabalhador alemão do século XIX.

Buscando campo onde pudesse expor com maior liberdade seu pensamento, aos 25 anos (1843), casado com Jenny von Westphalen, mudou-se para a França. Lá reuniu-se com o Arnold Ruge e editaram a revista “Anais Franco-Alemães”, escrita em alemão. Este momento da vida de Marx marca o início da superação das bases filosóficas – ideologia – alemã (marcadamente o pensamento de George Wilhelm Friedrich Hegel). No primeiro e único número desta revista são publicados os artigos: “Sobre a Questão Judaica” e “Contribuição à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel – Introdução”, escritos por Marx; “Esboço de Uma crítica da Economia Política” e “A Situação da Inglaterra”, de Engels. A censura impediu que esta revista continuasse circulando. Porém, uma das importâncias desse fato, foi o contato que Marx teve com os escritos de Engels, que lhe causaram grande admiração. Além do vínculo que começou a criar-se entre estes dois pensadores, é neste período que Marx inicia seus estudos em economia política, que até então, era uma lacuna no seu pensamento.

Devemos lembrar também, da audácia que o jovem Marx demonstrou, enfrentando e visando desmontar a teoria da principal referência da filosofia alemã da época. Além das relações com os intelectuais, foi primordial na formação de Marx a aproximação ao proletariado francês, que já era notável nesse período. Aos 26 anos (1844) escreve sua primeira obra em parceria com Engels, intitulada “A Sagrada Família”, onde criticam a filosofia idealista alemã (ENGELS, 1877).

Devido às críticas realizadas ao rei da Prússia, Marx é expulso da França, aos 27 anos (1845), indo para Bruxelas, na Bélgica, onde viveu até 1848. Em 1845, escreve as “11 teses sobre Feuerbach”. Entre este ano e 1846, é escrito o livro em parceria com Engels, “A Ideologia Alemã”, que assumia tão claramente e com tamanha competência o ponto de vista do proletariado, que foi negada sua publicação, tendo vindo a público somente após a morte dos autores, em 1932 (FERNANDES, 1984).

Friedrich Engels nasceu em 1820, em Barmem, na Prússia renana⁷. Filho de homem de negócios, de família burguesa que segue uma corrente da igreja luterana, o pietismo⁸ – ideologia religiosa dominante na Renania. Aos 14 anos⁹ (1834) ingressa no Liceu de Elberrfeld, destacando-se seu talento em línguas e suas aptidões artísticas. Aos 17 anos (1838) é forçado por seu pai a deixar o Liceu e ir para Bremem, para fazer estágio em uma casa comercial. Nesse

período ele estuda línguas e literatura política, começando a participar do movimento liberal da época.

Aos 19 anos escreve artigos sob o nome de F. Oswald, para o periódico Hamburguês dirigido por ele mesmo, o *Telegraph für Deutschland*, onde faz críticas religiosas que causam polêmica. Aos 20 anos (1840) ele tem contato com os textos de Hegel. Aos 21 anos (1841) volta a Barmem e, por não se relacionar bem com seu pai, vai para Berlim ser voluntário no exército. Nesse tempo assiste cursos de filosofia, como ouvinte, na Universidade de Berlim. Conhece e fica impressionado com o livro “A Essência do Cristianismo”, de Feuerbach. Assiste o curso de Schelling – reacionário da filosofia religiosa-, estudando suas idéias e contrapondo-as às de Hegel. Conclui que Hegel é mais avançado que Schelling. Já está trilhando o caminho do materialismo.

Aos 22 anos (1842) escreve dois panfletos: “Schelling e a revelação” e “Schelling, filósofo cristão” que lhe concedem prestígio entre os jovens hegelianos universitários. Nesse período em que rompe com a ideologia religiosa, escreve um poema satírico: “Como a bíblia escapa milagrosamente de um atentado inpuudente ou O triunfo da fé”. Colabora com o jornal *Rheinische Zeitung*, dirigido por Marx. Retorna a Barmem, indo para a Inglaterra em seguida, por pressão do pai. No caminho passa por Colônia, onde conhece Marx, em um primeiro encontro que não foi interessante aos dois. Aos 23 anos (1843) vai para Manchester, onde conhece Mary Burns, uma jovem operária irlandesa. Está vivendo na Inglaterra em um período de intensa agitação do operariado devido às crises econômica que precederam sua chegada. Neste período torna-se materialista e assume uma posição socialista.

Seu pai que o forçou a ir para a Inglaterra para aprimorar-se na arte dos negócios, sem ter consciência, o enviara para o centro do desenvolvimento industrial moderno. Manchester possuía, já naquele tempo, mais de quatrocentos mil habitantes. Engels dedica-se, ao mesmo tempo em que desempenha as atividades comerciais, impostas por seu pai, ao “[...]estudo das características e formas da revolução industrial, dos efeitos da industrialização e urbanização capitalistas sobre o modo de vida dos trabalhadores, as reações destes e a literatura socialista.” (NETTO, 1981, p. 33). Tem ainda uma intensa atividade política, articulando-se com egressos da Alemanha que se autodenominavam “Liga dos Justos”.

Em 1844, aos 24 anos, envia aos *Anais Franco Alemães*, editado por Marx e Ruge, o artigo “Esboço de uma crítica da Economia Política”. Vai para Paris e reencontra Marx, onde

planejam o livro contra os jovens hegelianos: “A Sagrada Família ou A Crítica da Crítica (Contra Bruno Bauer e consortes)”. Aos 25 anos (1845) esse livro é publicado. Organiza uma série de discursos comunistas e, neste ano, viaja para a Inglaterra com Marx e começam a escrever “A Ideologia Alemã.”

É importante saber, para entender melhor o que escreveram, como escreveram e, porque escreveram Marx e Engels, justamente sobre sua condição material de vida.

Marx viveu em meio a muitas dificuldades, tendo que receber ajuda financeira de seu parceiro de lutas, Engels. Sua convivência direta, sua militância e de Engels junto ao movimento do Proletariado Francês, elegeram-nos como intelectuais orgânicos dessa classe, pois eles não teorizavam sobre o que pensavam do movimento (GRAMSCI, 1968). Mas o que pensava e necessitava o próprio movimento (iden). Aquilo que escreveram não eram explicações a partir do que pensavam, mas “[...] escritos que nascem do combate cotidiano [...]” (FERNANDES, 1984, p.12). Eles colocaram pela primeira vez na história, a ciência a partir do ponto de vista dos proletários (iden).

Contamos um pouco da vida de Marx e Engels até o momento em que escreveram a obra que utilizamos para desenvolver nossa reflexão, sobre a formação da consciência. Falemos, então, um pouco sobre o cenário desses acontecimentos na vida de Marx e Engels.

1.4 O CONTEXTO EUROPEU DO SÉCULO XIX

Na Inglaterra do século XVII, a burguesia já tinha muito poder, vindo da industrialização que alcançava grandes proporções (ANDERY, 1998). Na França, século XVIII, a nobreza, o clero e os senhores feudais possuidores da terra, haviam sido derrotados pelas forças revolucionárias, que agregava burgueses e trabalhadores nos ideais humanistas do renascimento: liberdade, igualdade e fraternidade (iden). Na Europa do século XIX, a burguesia antes revolucionária, torna-se conservadora, muda seu discurso com vistas à manutenção da ordem instaurada. Definem-se claramente duas classes, contrárias em situação e interesses - a burguesia, possuidora dos meios de produção, e o proletariado, que tem que vender a sua força de trabalho para sobreviver. A sociedade estava avançando no novo modo de produção, surgido das novas

formas de organização das pessoas para o trabalho e da divisão do trabalho em trabalho intelectual e trabalho material.

Com a revolução industrial, que levou ao aparecimento das grandes cidades que congregavam as forças de trabalho necessárias às indústrias, iniciam-se problemas estruturais de saneamento básico e saúde (SOAREZ, 1994). Esses problemas, que atingiam principalmente o proletariado, expunham mais ainda a contradição básica do modo de produção capitalista: a produção de riqueza, para alguns e a produção da miséria, para a maioria.

A Alemanha, por sua vez, não estava no mesmo ritmo dos outros países, baseando-se em uma organização ainda característica da velha ordem feudal, com o poder ainda mãos da nobreza, clero e senhores feudais (FERNANDES, 1984). Acrescendo-se a isso a situação de não-unificação do território alemão e decorrente dificuldades para o desenvolvimento econômico naquele país (ANDERY, 1998). Nesse contexto de atraso da Alemanha no processo de implementação do capitalismo, ao mesmo tempo em que é influenciada pelos acontecimentos nos países vizinhos, é que Marx e Engels se vêm na obrigação de desmontar o raciocínio dos filósofos – ideólogos – alemães, que acompanhavam a evolução das condições materiais dos outros países no campo das idéias – os escritos destes ideólogos refletiam as mudanças nos outros países, e as atribuíam as mudanças, evoluções na forma de pensar dos homens daquele tempo.

2. O IDEALISMO CONTRAPOSTO AO MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO

Aqui iniciamos nossa reflexão sobre a primeira parte do texto “A Ideologia Alemã”, intitulada por Marx e Engels originalmente de Feuerbach¹⁰, onde é desenvolvida uma crítica severa aos entendimentos filosóficos e históricos na Alemanha, a partir dos escritos do filósofo Hegel até o ano de 1845. Os autores denominam de ideologia¹¹ o que produzem os pensadores neste período. Satirizam a forma como, ideologicamente, os pensadores explicaram de maneiras diferentes, mas nenhuma delas contundente, as mudanças que estavam acontecendo na sociedade. A questão central a que tudo era resumido estava “[...] na crítica das representações religiosas” (Marx, K; Engels, F. 1984, p. 185)¹².

Com essa forma idealista de explicação do mundo, as relações dos homens, seu inteiro agir e fazer, são postos enquanto produtos da consciência humana. E a partir das críticas feitas

por esses pensadores a certos pensamentos, eles imaginavam que iriam derrubar as suas barreiras, os entraves ao desenvolvimento da sociedade. É essa lógica do raciocínio filosófico alemão, no século XIX, que Marx e Engels atacam. É marcante como é evidenciado no texto, após cada explicação da lógica alcançada pelo idealismo na Alemanha, que são as condições materiais de vida que determinam as relações estabelecidas entre os seres humanos em cada período da história. A fragilidade dessa ideologia é demonstrada: “Nenhum desses filósofos teve a idéia de perguntar pela interconexão da filosofia alemã com a realidade efetiva alemã [...]” (1984, p.186).

Dada a introdução escrita pelos autores, onde eles expõem a forma de pensar as questões históricas, dos críticos mais antigos e dos mais novos na/da Alemanha, eles começam a diferenciar o método materialista histórico dialético da forma idealista especulativa do idealismo, e nesse caminho já se encarregam de delinear o processo de desenvolvimento histórico dos indivíduos na Europa.

Os pressupostos desse método (materialista histórico) “[...] são os indivíduos efetivos, a sua ação e as suas condições materiais de vida, tanto as encontradas aí quanto as engendradas pela própria ação deles.” (1984, p. 186). Os autores expõem que a existência de indivíduos humanos vivos é o primeiro pressuposto da história humana. Então, o primeiro fato a se constatar é a organização corporal dos indivíduos e sua relação com a natureza. Por isso afirmam que o estudo da história tem que partir dessas bases naturais e de sua transformação pela ação do homem. Disso concluem que, os homens são o que produzem e como produzem. Esse pressuposto nos indica que em qualquer assunto que queiramos pensar sobre o ser humano, em determinado período histórico, deveremos partir das questões: quais atividades permitem aos seres humanos viver (caça, pesca, agricultura, guerra)? Quais instrumentos esses seres humanos possuem (clavas, lanças, rodas, enxadas, teares, máquinas a vapor, computadores)? Sua forma de organização para realizar estas atividades (tribal, comunal, feudal, capitalista, socialista)? do momento histórico que vamos pesquisar. E é dessa forma que Marx e Engels iniciam sua exposição sobre a história humana, partindo das bases materiais (condições efetivas de vida) para a produção da vida.

Uma característica desta perspectiva de explicação da realidade, é que além de materialista, ela é dialética, reconhece os indivíduos enquanto sujeitos ativos no processo histórico. Isto é, se aquilo que o ser humano realmente é, depende das condições materiais

encontradas para a sua sobrevivência, ao mesmo tempo estas condições existentes são modificadas pelos seres humanos, gerando então, novas condições de vida.

O aumento da população provoca a produção. A produção, por sua vez, condiciona a forma de intercâmbio entre os indivíduos. Essa questão do intercâmbio é fundamental para Marx e Engels, já que os seres humanos se humanizam através do trabalho, que determina a forma de contato (intercâmbio) com os outros seres humanos.

À medida que são desenvolvidos as forças produtivas e conseqüentemente o comércio, mais se intensifica a divisão do trabalho. Isso porque cada força produtiva nova leva a uma nova especialização da divisão do trabalho. E cada novo estágio da divisão do trabalho determina uma nova relação entre os indivíduos.

A respeito do método, os autores dizem que a investigação empírica tem que evidenciar empiricamente, sem mistificações ou especulações, a interconexão da estrutura social e política com a produção. Porque a estrutura social emerge do processo da vida de indivíduos determinados. E estes indivíduos, por sua vez, são efetivamente aquilo que produzem, como produzem sob determinados limites, pressupostos e condições materiais que impedem o seu arbítrio. Estas determinações expostas pelos autores são, necessariamente, aquelas decorrentes do trabalho dos indivíduos. No século XIX essas determinações eram mais gritantes, mais claras, do que aquelas encontradas atualmente. Por exemplo, as condições insalubres dos mineiros, que passavam todo o dia e mesmo períodos das noites dentro de buracos, com péssima ventilação, iluminação precária e submetidos a constantes desabamentos. Nessas condições de trabalho, produzindo alguma coisa que não gera o menor prazer ao vislumbrar o que se produziu (carvão tirado da terra), de uma forma martirizante, a humanização dessas pessoas não ia muito além do suprir as suas necessidades animais (comer, dormir, reproduzir-se).

Os autores dão a dimensão objetiva da consciência humana e a efetividade dessa expressão, que é própria do ser humano. Mostram que a produção das idéias está entrelaçada na atividade material e no intercâmbio material dos homens. O pensar o intercâmbio intelectual dos homens, é expressão (“afluência”) direta do seu comportamento material. Os homens, que produzem eles mesmos as suas idéias, são condicionados pelo desenvolvimento determinado das suas forças produtivas e pelo intercâmbio correspondente a estas forças. E desta forma, concluem que a consciência não pode ser diferente do processo efetivo de vida do homem.

Contrariamente a estes achados¹³ de Marx e Engels, os seus interlocutores partem do que os homens imaginam, para chegar ao homem concreto. A consciência determina a vida e é o indivíduo vivo. A história, para eles, é a ação imaginária de sujeitos imaginários. O saber, o conhecimento, vem do que se pensa sobre o fenômeno, de frases da consciência. O pressuposto é o homem em si, fechado em alguma fantasia. Os autores puderam constatar isso, porque de início Hegel – que influenciou, seja para confirmar ou para negar sua obra, como os próprios Marx e Engels, muitos sucessores –, afirma que os seres humanos são representações de um espírito universal, que se desmantelou e objetivou-se em diferentes graus, nos reinos orgânicos, inorgânicos, animal e vegetal.

No materialismo histórico dialético, partem dos homens efetivos e do seu processo de vida efetivo para chegar ao seu pensamento. Seus pensamentos fazem parte do seu processo material de vida e são empiricamente constatáveis. Com o desenvolvimento da produção material, mudam os homens, suas realidades efetivas, seus pensamentos e produtos de seus pensamentos. Assim, a consciência é apenas a consciência do indivíduo vivo. Os pressupostos efetivos desse método são os homens em seu processo efetivo de desenvolvimento efetivo, empiricamente intuível e sob condições determinadas.

Após apresentar os pressupostos da história pesquisada dessa forma – materialista histórica dialética -, Marx e Engels dizem que o homem tem história porque tem que produzir a sua vida de modo determinado, isto é, dado por sua organização física, da mesma maneira que a sua consciência – é determinada por sua organização física e forma de produzir. Essa formulação fica mais compreensível na exposição posterior dos autores, sobre a consciência animal da natureza e a consciência modificada.

A consciência animal da natureza (“religião da natureza”) observa-se quando o homem não conhece a natureza, que se apresenta alheia, inatingível, onipotente. O comportamento limitado com a natureza condiciona o comportamento limitado perante os outros homens, e isto condiciona o seu comportamento limitado com a natureza. Nesse início (da história), a vida social animal determina uma consciência gregária¹⁴. Posteriormente, com o crescimento da produtividade, aumento das necessidades e crescimento populacional, modifica-se essa consciência.

Outro processo que vai influenciar no desenvolvimento da história humana, e nas diferentes formas de consciências possíveis, é a divisão do trabalho. Os autores expõem que com

a divisão do trabalho, em trabalho material e trabalho intelectual, a consciência pode imaginar que é outra coisa que não a consciência da prática existente, pode representar algo que não é efetivo. Forma-se a “Pura Consciência”. Quando essa teoria pura entra em contradição com as relações existentes, deve-se ao fato das relações sociais existentes entrarem em contradição com as forças de produção existentes. A partir do momento em que alguém pensa como deve ser feito o trabalho (intelectual), e alguém executa esse trabalho sem entender o que está fazendo (material), inicia-se o processo de alienação do ser humano frente ao seu próprio trabalho – trabalho desumanizante. Tanto do conhecimento do processo na sua totalidade, quanto dos produtos, dos resultados do trabalho, que é dividido de forma desigual, gerando desigualdades de condições de vida, gerando riqueza e miséria.

Nisso consiste a contradição entre as relações sociais – alguém explora e alguém é explorado – e as forças de produção – cooperação entre os indivíduos. Os autores explicam: a força de produção, o estado social e a consciência entram em contradição porque, com a divisão do trabalho em atividade intelectual e atividade material, produção e consumo tocam a indivíduos diferentes¹⁵.

Com essa forma de divisão do trabalho – pois já existiram antes outras formas mais primitivas de divisão do trabalho –, cada um tem uma esfera determinada do trabalho, da qual não pode fugir se quiser ter os meios para viver. Conseqüentemente, a consciência do ser humano é determinada, também, por diminutas possibilidades de apreender, compreender e desenvolver-se, entendendo a forma real como ela própria se forma e se modifica, ao mesmo tempo em que modifica suas condições formadoras.

3. SOBRE A PRODUÇÃO DA CONSCIÊNCIA: AS BASES MATERIAIS DA REVOLUÇÃO REAL.

Neste momento do texto, Marx e Engels discutem centralmente sobre a consciência. Nos momentos anteriores já fizeram uma interconexão muito forte, entre o que dizia a ideologia alemã sobre a história, o método idealista usado para tal e o entendimento metafísico ou onipotente da consciência. Nesse trecho em especial, os autores vão desconstruindo as explicações idealistas

sobre como, através da mudança das consciências, as condições efetivas de vida das pessoas, a sociedade inteira, seria colocada em um estágio mais evoluído.

Os autores explicam, com seu método de investigar e desvendar a sociedade, partindo do empírico, das formas de cooperação do ser humano para produzir seus meios de vida, bem como da análise sobre quem fica com o resultado dessa produção, em que quantidade e de que forma isso acontece. A partir desses pressupostos e das conseqüentes determinações dos mesmos, eles começam a desmistificar o mercado, o estado, o comércio e as formas de produção, bem como a necessidade de se revolucionar essas condições materiais para se emancipar a consciência, e não o processo inverso.

As relações que se davam entre os indivíduos, nos estamentos, estando do lado dominante: nobres, clericais, senhores, mestres, oficiais, burgueses; e do lado servil: escravos, camponeses, trabalhadores (plebe) diaristas e operários, era justificada por diferenças de direitos divinos – pela igreja, através da teologia. Em seguida, as explicações teológicas, onde tudo parte da vontade divina, foram substituídas pela visão antropocêntrica, no movimento renascentista, que trouxe a luz da sociedade às discussões sobre direitos dos seres humanos, retomando as filosofias antigas. Utilizando-se desses pensamentos, a burguesia promete igualdade, liberdade e fraternidade a todos, conclamando os trabalhadores a segui-los nas revoluções contra os senhores feudais, a nobreza e o clero.

Após tomar o poder e estabelecer-se enquanto classe hegemônica, a burguesia leva esses ideais para o campo da formalidade¹⁶, da legalidade, pois se quisesse efetivá-los estaria fazendo uma revolução contra si própria. Isso, visto que, constituída enquanto classe que surge já da acumulação do capital, e que só é tal classe enquanto detêm capital acumulado. Gerir a igualdade significaria dividir seus bens. No sistema em que a lógica é explorar o trabalho de outrem, e para fazê-lo uma necessidade é que o trabalhador seja alienado no processo de produção, e a medida que se aliena dos meios, saberes e produtos de seu trabalho, menos o homem se liberta de suas dimensões animais; liberdade significaria re-apropriar os indivíduos dos seus meios de produção e dos resultados do seu trabalho. Daí que as condições de desigualdade e as contradições sociais que surgem da própria organicidade do estágio social que se implantou, começaram a ser explicadas na Alemanha, por meio de formulações idealistas do chamado espírito absoluto, encontrado por Hegel. Este foi criticado por seus seguidores, mas os mesmos, continuaram a criticar as formulações religiosas como meio de superar os acontecimentos empíricos que se

davam. Dado isto, para ir ao centro da questão, Marx e Engels começam a falar sobre como se forma a consciência:

[...] com a extensão da atividade a uma escala de história universal, os indivíduos foram sendo cada vez mais subjugados a um poder que lhes era alheio (cuja opressão eles se representavam então como chicana do assim chamado espírito universal, etc.), um poder que se tornou cada vez mais massivo e que em última instância se evidenciou como mercado universal (1984, p. 202-203).

Os autores indicam o Estado como um poder alheio que oprime, subjuga e é massivo. Dizem em seguida que o mercado mundial será dissolvido pela derrubada do estado social existente, mediante a revolução comunista e pela superação da propriedade privada. Isto é conseguido na medida em que a história se transforma em história universal. Desta forma, chegamos à questão da riqueza espiritual (consciência) corresponder, totalmente, à riqueza das relações efetivas do ser humano. Daí a necessidade dos indivíduos libertarem-se das barreiras nacionais e locais, se colocarem em relação prática com a produção - também espiritual - do mundo inteiro, e estando em condições de adquirir a capacidade de desfrutar dessa produção multifacética da terra inteira, ou seja, das criações dos homens. Esta produção multifacética refere-se tanto aos bens materiais produzidos, quanto à produção cultural. E para desfrutar desses bens, além de possuí-los ou ter acesso a eles, há a necessidade de conhecer e entender esses bens e produções. Ainda temos que, o usufruto desses bens, dá-se mediante as efetivas necessidades humanas de coisas reais. Não de forma alienada, desfrutando de coisas banais, sem sua apreensão histórica, que fetichizadas, ganham valor supra-humano.

Essa concepção de história universal apresenta os seguintes pressupostos:

- a) - parte do processo efetivo de produção, decorrente da produção da vida;
- b) - a base da história é o intercâmbio presente e criado por este modo de produção;
- c) - a sociedade civil corresponde a esta forma de intercâmbio, neste modo de produção (age como estado);
- d) - a partir da sociedade civil se explicam as produções teóricas e formas da consciência;
- e) - a partir dessas produções pode-se investigar o processo do surgimento da sociedade civil.

Tendo desenvolvido essa concepção de história, os autores chegam a que: as formas e produtos da consciência se resolvem mediante a derrubada das relações sociais reais, e não

mediante a crítica a um ou outro aspecto dessa realidade, como propunham os pensadores ideólogos desse período. Por isso, a força motriz da história é, nesse sentido, a revolução. Revolução real feita por homens reais.

Essa tese desqualifica a ideologia da sociedade como um sujeito, que auto-engendra a si mesmo. Ou seja, todos os sujeitos, para os idealistas, eram representados como um só, e que ainda criava a si mesmo. Desqualifica porque, sendo os sujeitos seres históricos, assim como a sociedade civil é uma forma de intercâmbio entre estes sujeitos, é apresentado pelos autores que as formas de intercâmbio decorrentes de um determinado modo de produção, é o terreno efetivo da história. Logo, o que alguém é, foi ou será, depende diretamente de suas relações determinadas, em determinada sociedade.

O intercâmbio que toca aos indivíduos depende das condições de vida encontradas por uma nova geração. Estas condições de vida -são: as forças produtivas (cooperação entre os homens), capitais (bens acumulados) e formas de intercâmbio (relações sociais) em dado estágio da história – ao mesmo tempo em que determinam o desenvolvimento do ser humano, são modificadas por esta nova geração. São também determinantes das condições materiais de uma revolução, ou seja, as forças produtivas disponíveis e uma massa revolucionária. As forças produtivas devem ter alcançado escala mundial e gerado imensas riquezas, no mesmo tempo que geram a “massa da humanidade como completamente sem propriedade”.

Quando não se considera a base efetiva da história, a natureza é colocada em oposição à história, excluída dela. Em tal concepção de história, compartilha-se com cada época suas ilusões. A imaginação torna-se o único poder capaz de dominar e determinar a práxis destes homens. Exemplificando essa afirmação, os autores comparam os franceses e ingleses se atendo a ilusão política, com os alemães que se atem à ilusão religiosa. As explicações da realidade são feitas de forma unilateral, criticando-se – idealisticamente – ou a religião ou a política, querendo mudar a sociedade.

Outra proposição feita pelos autores, de fundamental importância para compreendermos como se dá a formação da consciência dos homens, é a seguinte: quem dispõem dos meios para a produção material, tem ao seu dispor os meios para a produção intelectual; os pensamentos dominantes são expressões, em idéias, das relações materiais dominantes. Destes conceitos se esclarece à impossibilidade de emancipação do ser humano no plano da consciência, para em

seguida emancipar-se no plano material, pois a classe detentora dos meios de produção cria os mecanismos que asseguram a hegemonia também da sua forma ideológica de pensar.

Existe no interior da própria classe dominante a divisão do trabalho. O trabalho material é destinado aos integrantes mais ativos dessa classe, enquanto o trabalho intelectual é destinado aos ideólogos – aqueles que elaboram a ilusão dessa classe como forma de sua subsistência - dessa classe. Por isso, até mesmo e principalmente os burgueses, acreditam nas formulações que explicam e justificam a sua classe, além de serem também alienados em relação às determinações sociais materiais. Assim, a existência de pensamentos revolucionários, pressupõem, a existência de uma classe revolucionária. Esta classe, por sua vez, pressupõe de condições materiais que se apresentem ao tempo histórico, como já elucidado.

A classe nova que domina tem que apresentar os seus interesses como o interesse comum a todos os membros da sociedade – dar aos seus pensamentos a forma de universalidade, de únicos racionais e válidos. É dentro desta necessidade estrutural que os burgueses, após ascenderem ao poder, mudam seu discurso, tendo um conjunto de pensadores – ideólogos – que formulam um pensamento conservador, que é apresentado ao proletariado como sendo o pensamento que lhes respondia as necessidades de humanização. Houve um projeto de formação das consciências naquele período, que coadunou com o projeto burguês de sociedade.

Marx e Engels dissecam este processo de formulações especulativas.

Os pensamentos são separados dos indivíduos e dos modos de produção, tornando-se autodeterminações do conceito. Daí as relações do homem (representado) derivarem do conceito de homem – Filosofia especulativa. Essa magnificência do espírito decorre de três pontos:

1) – Os dominantes são separados dos seus pensamentos, logo há uma dominação de pensamentos;

2) – Os pensamentos são tornados em autodeterminações, o que só é possível graças à base empírica e conexão efetiva que estes pensamentos possuem com a realidade, mesmo que os formuladores desse pensamento sejam alheios a esse fato;

3) – Para ganhar aspecto real transforma-se em uma pessoa, a “autoconsciência”, ou numa série de pessoas que representam “o conceito”: pensadores, filósofos, ideólogos.

Partindo da análise do desenvolvimento social por esse viés, de um espírito que cria a si mesmo, e dos homens serem expressões desse espírito, os historiógrafos acreditam naquilo que

uma época imagina e diz de si mesma. No caso da Alemanha isso se evidencia da seguinte maneira: este país sente as mudanças em curso na Europa, decorrentes das transformações nas formas políticas e bases de produção econômica, continuando, porém, ela mesma, muito atrasada em termos de seus contemporâneos. Os ideólogos desse país imaginam que também estão em franco processo de evolução, e ainda alegam a essa pseudo-evolução as mudanças ocorridas no plano do pensamento, da consciência.

A concorrência com países industrialmente mais desenvolvidos, provocada por um intercâmbio ampliado, é suficiente para engendrar uma contradição semelhante nos países com uma indústria menos desenvolvida (por exemplo, o proletariado latente na Alemanha se fez manifesto pela concorrência inglesa) (1984, p. 210).

Eles negam a base real da história e por isso alienam-se ao fato que todos os conflitos da história tem origem na contradição entre as forças produtivas e a forma de intercâmbio.

Por isso, os autores alertam aos trabalhadores e contestam seus opositores dizendo que, a divisão do trabalho não pode ser superada retirando sua representação geral da cabeça, mas retomando as relações de produção para si e superando a divisão do trabalho. Essa superação incide na superação da contradição entre pensamento e prática social, superação da alienação do trabalho capitalista.

Isso só é possível na comunidade, não é possível individualmente. Na comunidade é possível a liberdade individual. Na sociedade de classes a comunidade se autonomiza frente ao indivíduo – tem vontade própria que suprime aquela do indivíduo, pois não é realmente à vontade dos vários indivíduos, mas corresponde aos interesses da classe que domina -, é ilusória, uma amarra. Na relação comunitária existente, conforma-se o indivíduo em média, nas condições de existência de sua classe. Na comunidade proletária revolucionária, os indivíduos tomam parte como indivíduos, que reunidos, tem controle sobre suas condições de desenvolvimento e movimento. Está clara a relação entre a necessária consciência alienada para a sociedade no capitalismo, e a revolução dessa forma de consciência, concomitante à revolução das relações de produção, alcançando a forma crítica e histórica de consciência da sociedade comunista.

Os indivíduos são reunidos na sociedade de classes decorrente da necessidade dada pela divisão do trabalho. Esta organização não permitiu formar o gênero humano, mas subespécies do gênero. Ou seja, os indivíduos não se humanizaram devido a sua alienação, sua coisificação em

relação ao seu trabalho e aos produtos do seu trabalho. O gênero humano só é possível na concretude daquilo que lhe confere sua característica humana, na efetivação do trabalho que exteriorize aquilo que o ser humano é pessoalmente, que por isso tem significado para ele. Diferente do trabalho na sociedade de classes que não é objetivação do pensamento humano, mas objetificação, reificação desse pensamento e desse ser.

Com a autonomização das relações sociais emerge uma diferença entre a vida de cada indivíduo, na medida em que é pessoal – não comunitário – e na medida que está submetido a um ramo da atividade. A personalidade está condicionada e determinada por relações de classe determinadas. Nesse sentido, a consciência também é determinada, limitada nos intercâmbios que o indivíduo realiza nesse ramo a que é relegado.

O proletário singularmente não tem o controle sobre as condições globais de existência da sociedade, emergindo a contradição entre personalidade do operário singular e a condição de vida imposta a ele. Para se afirmar pessoalmente o proletariado tem que superar a sua condição de vida, o trabalho. Por isso está em oposição direta à forma da expressão global dos indivíduos neste estágio social, o Estado, tendo que derrubá-lo para fazer prevalecer sua personalidade. Nesta passagem os autores afirmam a base material necessária para a superação das formas de consciência de sua época. Indicam também a oposição Indivíduo x Estado, já que este Estado é uma forma ideológica de representação dos interesses dos indivíduos, expressando na verdade os interesses da classe que domina os meios de produção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para começar nossas breves considerações finais, gostaríamos de chamar a voz de um dos maiores pensadores do nosso tempo e profundo conhecedor das obras de Marx e Engels, que expressa sua opinião sobre o objeto de nossa reflexão:

A ideologia alemã, para o leitor de hoje, oferece como leitura indispensável o primeiro capítulo da primeira parte: “Feuerbach. A Oposição entre o Materialismo e o Idealismo (Introdução)”. Aí está explícita a fundação filosófica da metodologia que vai travejar a ulterior produção teórica dos dois pensadores – é aí que se fundamenta a célebre tese segundo a qual a consciência social é condicionada pelo ser social (NETTO, 1981).

A importância de entendermos como se forma a consciência, diz respeito ao fato de sabermos que ela é um elemento humano, historicamente construído e modificado, a partir das bases materiais de produção da vida e das ações humanas nessa produção. E também de entendermos que a consciência é expressão dessas ações.

Sabendo disso, podemos entender que em cada estágio social novo, com o surgimento de novas forças produtivas, surgem também novas formas de consciência. Chegando a essa conclusão a partir das pesquisas que utilizaram o método materialista histórico dialético, Marx e Engels desmontaram e superaram a visão idealista sobre a consciência, que acredita ser a consciência produto do espírito absoluto, que se constrói a partir de si mesmo.

A importância dessa descoberta para a sociedade alemã – no primeiro momento – e mundial – conseqüentemente – está na superação da indicação idealista de transformação da consciência. Esta forma idealista de pensar a transformação da consciência atribui à crítica da própria consciência, o papel de propulsora dessa transformação. O indicativo materialista histórico dialético para esse mesmo processo, coloca a premissa de revolução das forças produtivas e das relações sociais como o motor que propulsiona a transformação da consciência.

Tal embate foi travado com os filósofos alemães da época – século XIX – visando superar a crítica que era feita à sociedade, para pontuar elementos efetivos, com o propósito de superação da sociedade que acumula capital às custas da humanidade dos indivíduos. E por fim, na contemporaneidade, nos dá elementos para fazermos a leitura crítica das evoluções históricas, anunciadas pelos “pós-modernos”. Para entendermos que a dita sociedade pós-capitalista é, mais um exercício ideológico de revolução do mundo a partir do espírito humano.

¹ Artigo desenvolvido como requisito de avaliação do projeto de ensino: “Formação do Pesquisador: introdução aos aspectos teóricos e metodológicos”, proposto via DFE/UEM.

² Autor, professor da Escola de Educação Especial Albert Sabin/ANPR – membro do Grupo de Estudos e Intervenções em Educação Física Escolar – egresso do Programa Especial de Treinamento do Departamento de Educação Física da UEM.

³ Orientadora, professora do Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós Graduação em Educação da UEM.

³ Orientadora, professora do Departamento de Educação Física da UEM, doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação na UFSC.

⁴ Fukuyama, F., ex-assessor de Estado dos Estados Unidos da América, escreveu um livro cujo título é “O fim da história e o último homem”, onde defende as idéias acima expostas.

⁵ Bibliografia a partir de FERNANDES (1984), ANDERY (1998), ENGELS (1988) E MCCLELLAN (1974).

⁶ As idades apresentadas não são exatas, colocamo-las considerando os anos da biografia de Marx.

⁷ Biobibliografia extraída de Netto, J. P. **Engels, F. Política**, São Paulo: Ática, 1981. (Grandes Cientistas Sociais)

⁸ Movimento de afervoramento religioso na igreja luterana no século XVII, iniciado na Alemanha, por Spener.

⁹ Idades não exatas, mas aproximadas de acordo com os anos de referência.

¹⁰ Ludwing Feuerbach, é um pensador da esquerda dentro do movimento neo-hegeliano – novas críticas a partir do pensamento de Hegel. Sua crítica a sociedade é feita no ataque da ideologia religiosa. Entende e explica a sociedade através das produções no campo da teologia (Marx; Engels, 1984).

¹¹ Para Marx, a ideologia é uma forma equivocada de perceber a realidade, onde a realidade é colocada de pernas para o ar. O que é determinado é visto como determinante, como no caso dessa discussão, em uma análise ideológica, a consciência é contemplada como determinante da realidade dos homens.

¹² A partir de agora, as citações de “A Ideologia Alemã” serão feitas somente com o ano- por ex: (1984)- ou com ano e página - por ex: (1984, p 190), no caso das citações textuais.

¹³ Achados porque essa linha de pensamento não eclodiu dos dois, Marx e Engels, simplesmente porque eles tinham um intelecto superior. Mas porque, partindo daquelas questões que se apresentavam há seu tempo, questões surgidas das contradições que já eclodiam no capitalismo, os dois pesquisaram profundamente para dar embate ao pensamento equivocado que queria explicar tais contradições.

¹⁴ Por definição é a consciência de quem vive em bando, em rebanho.

¹⁵ Para justificar essa desigualdade, a classe que domina, que é hegemônica, tem que apresentar os seus interesses como universais. Como aqueles que interessam a todos. E fazem isso na figura do Estado, uma invenção da burguesia, que denota a contradição entre os interesses individuais e os interesses comunitários ilusórios – ilusórios porque são ideologicamente criados pela classe hegemônica como sendo os interesses de todos. Todavia, são os interesses dessa classe diminuta. Esse Estado vem de uma forma de comunitariedade que só aceita o indivíduo médio, na medida em que está adaptado aos mecanismos de funcionamento, às formas de relacionamento e intercâmbio dessa sociedade. E aclaramos que é hegemônica, a classe que domina os meios de produção material, e conseqüentemente os meio de produção cultural e as instâncias de decisão política.

¹⁶ Existem direitos “iguais”, mas condições radicalmente desiguais de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERY, Maria Amália e outros. **Para compreender a Ciência**, uma perspectiva histórica. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; São Paulo: EDUC, 1998.

BUENO, F.S. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 11^a ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

ENGELS, Friedrich. Karl Marx. In: **Marx Hoje**. 2^a ed. São Paulo: Editora Ensaio, 1988. (Caderno Ensaio; Grande Formato) [p. 71-84]

FERNANDES, Florestan. **K. Marx e F. Engels: História**. São Paulo: Ática, 1984. (Coleção Grandes Cientistas Sociais: 36).

MARX, K; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1989.

MCCLELLAN, David. **O pensamento de Marx**, uma introdução. Coimbra, Portugal: Coimbra Ed. 1974.

NETTO, J. P. **Engels: Política**. São Paulo: Ática, 1981. (Coleção Grandes Cientistas Sociais: 17).

SOAREZ, C. L. **Educação Física**, raízes europeias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 1994.